

# Construções encabeçadas por “como” no português

*Constructions headed by “as/like/how” in Portuguese*

Diogo Oliveira da SILVA

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
diogosilva@estudante.ufscar.br



Joceli Catarina STASSI-SÉ

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
jocelistassise@ufscar.br



**Resumo:** A pesquisa investiga, no âmbito da articulação de orações, construções encabeçadas por *como* em ocorrências parentéticas (JUBRAN, 2006) do tipo *como se diz, como sabe, como é que se chama?* nas variedades lusófonas do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (2016), com o objetivo de discutir o estatuto funcional desse item, sob o enfoque da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008). Para isso, analisamos, à luz do modelo teórico da GDF, o estatuto de *como* nessas construções e seu escopo, considerando as camadas dos Níveis Interpessoal e Morfossintático da teoria. Em sua metodologia, a pesquisa leva em conta as propriedades discursivas, pragmáticas e morfossintáticas dessas construções, bem como o estatuto interpessoal e morfossintático de *como* nesses contextos de produção. A hipótese do trabalho é a de que essas construções, por não apresentarem uma oração principal à qual se subordinem, atuam em camadas mais altas do Nível Interpessoal da teoria. Como resultado, observamos as construções atuando (i) como Movimentos, com o *como* sendo marcador de Função interacional Resgate (STASSI-SÉ, 2012); e (ii) como Movimentos, com o *como* sendo um marcador de perguntas meditativas (FONTES, 2012), ambos os tipos atuando no monitoramento da interação verbal. Essa caracterização aponta para a tendência dessas construções operarem discursivamente, independentemente do tradicional valor semântico atribuído ao *como* em estudos orientados gramaticalmente.

**Palavras-chave:** Gramática Discursivo-Funcional; articulação de orações; como.

**Abstract:** The research investigates, in the scope of clauses articulation, constructions headed by *as/like/how* in bracketing occurrences (JUBRAN, 2006) of the type *as it is said, as you know, how is it called?*, in Portuguese varieties (Reference Corpus of Contemporary Portuguese, 2016), in order to discuss their status under the focus of the Functional Discourse Grammar (FDG) by Hengeveld and Mackenzie (2008). For that, we analyze, according to FDG, the status of *as/how* in these constructions as well their scope, considering the layers of FDG Interpersonal and Morphosyntactic Levels. In the methodology, the research takes into account the discursive, pragmatic and morphosyntactic properties of constructions initiated by *as/how* and their status in these contexts. The hypothesis of the research is that these constructions, as for not having a main clause to which they can be subordinated, they can act in higher layers of the theory. As a result, we observe the constructions acting (i) as Moves, with *as/like* acting as an Interaction Function marker (STASSI-SÉ, 2012) of Rescue and (ii) as Moves, with *how* as a meditative question marker (FONTES, 2012), both of them monitoring the verbal interaction. This characterization shows the tendency of these constructions act in the discourse, independently of the traditional semantic value assigned to the use of *as/how* in grammatically oriented studies.

**Keywords:** Functional Discourse Grammar; clause articulation; *as/like/how*.

## 1 INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é apresentar parte dos resultados de uma dissertação de mestrado (SILVA, 2021)<sup>1</sup> que discutiu o funcionamento do **como** em construções tais quais: *como se chama?*, *como sabe*, *como você diz*, *como sabemos*, entre outras, na lusofonia, sob a ótica da Gramática Discursivo-Funcional (GDF).

Essas construções encabeçadas por *como* são tratadas neste estudo como sintaticamente independentes, ou seja, parte-se do pressuposto de que elas não estão subordinadas a construções anteriores ou posteriores e, por essa razão, não estabelecem relação semântica de adverbialidade com as orações que a antecedem e seguem.

A ocorrência em (1) é um exemplo desse tipo de construção sintaticamente independente. O trecho *como sabemos* provoca uma ruptura no enunciado que o antecede, trazendo uma informação particular, no caso, uma evocação de uma determinada informação que Falantes<sup>2</sup> compartilham entre si:

- (1) inclusivamente famílias alargadas em que temos, eh, portanto, desde sobrinhos, sogros, ele, dessa mulher, enfim, cunhados e familiares que, **como sabemos**, eh, as famílias africanas são bastante alargadas, essa responsabilidade cai sobre os ombros da mulher. (GB95: Mulher Africana)

Como se observa em (1), o enunciado anterior à construção *como sabemos* lista membros da família para reforçar que as famílias africanas são numerosas e o enunciado posterior continua reforçando o tamanho alargado das famílias africanas. Entretanto, ao organizar as informações, o Falante insere a construção *como sabemos* para situar o Ouvinte de que esse é um conhecimento compartilhado.

Esse tipo de inserção de informação adicional apresenta apelo interacional e é aqui investigada no português oral, conforme o modelo da GDF, teoria que representa ferramenta produtiva para esse tipo de análise, por se preocupar em entender a interação como uma atividade regida por normas e convenções para o estabelecimento comunicacional entre os Falantes ao mesmo tempo em que possibilita a sistematização dos usos dessas construções em níveis e camadas.

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é descrever, à luz da GDF, construções encabeçadas por *como* que se encontram em fronteira com

<sup>1</sup>O trabalho citado também apresentou resultados referentes à Gramática Textual-Interativa (JUBRAN, 2006), mas o recorte escolhido para este artigo enfoca os resultados com base na GDF.

<sup>2</sup>No decorrer do artigo, estão em letra maiúscula palavras que fazem referência a termos presentes no modelo teórico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGVELD; MACKENZIE, 2008).

outras orações, mas não constituem parte delas. Objetiva-se, portanto, compreender a relação pragmática e sintática que essas construções estabelecem no contexto em que são empregadas, de acordo com sua disposição nas camadas mais altas da teoria, compreendidas nos Níveis Interpessoal e Morfossintático. Como objetivos específicos, investigam-se: (i) as propriedades discursivas, pragmáticas e morfossintáticas dessas construções e (ii) o estatuto do item *como* nos níveis Interpessoal e Morfossintático (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), com o intuito de apresentar suas Funções Interativas e o processo de gramaticalização do item *como*.

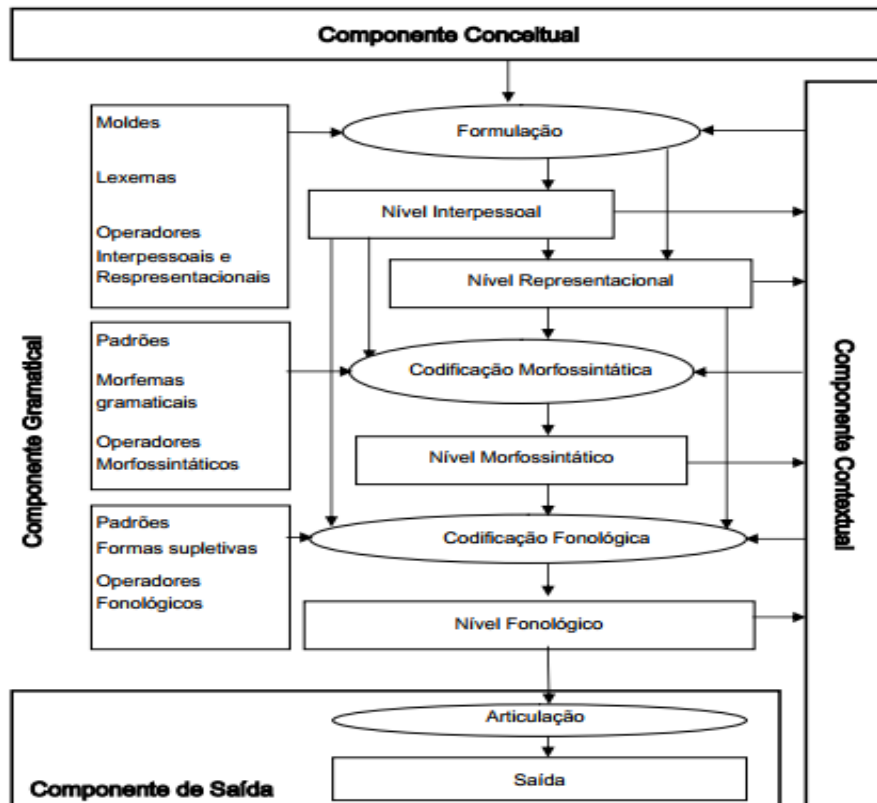
Para a caracterização funcional das construções, os critérios de análise utilizados abrangem: (i) camadas do Nível Interpessoal e estatuto do *como* nesse nível; e (ii) camadas do Nível Morfossintático e estatuto do *como* nesse nível. Como universo de investigação, são utilizadas ocorrências reais de uso extraídas do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (2016).

Assim, o presente artigo se divide em três seções: a primeira apresenta a base teórica da GDF e conceitos pertinentes ao objeto aqui investigado, a segunda traz a metodologia da pesquisa e a terceira analisa as ocorrências de acordo com a caracterização do *como* e do segmento em que ocorre, com base em Hengeveld e Mackenzie (2008). Ao final, são trazidas algumas considerações sobre os resultados e sobre as principais contribuições da pesquisa.

## 2 GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL (GDF)

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a Gramática Discursivo-Funcional é definida como um Componente Gramatical de um modelo de interação verbal relacionado a outros componentes: (i) Componente Conceitual, referente às intenções comunicativas e conceitualizações extralinguísticas, (ii) Componente Contextual, que representa a descrição da forma e do conteúdo do discurso, baseado no contexto real do evento de fala e a relação social entre os participantes, e (iii) Componente de Saída, que abarca as expressões acústicas ou linguísticas baseadas na informação corrente, como se vê no esquema apresentado na Figura 1:

Figura 1 – Arquitetura da GDF



Fonte: Hengeveld e Mackenzie (2008).

A interação entre os componentes ocorre por meio da formulação e da codificação. A formulação baseia-se nas regras que determinam aquilo que constitui as representações semânticas e pragmáticas subjacentes válidas em uma língua, e a codificação, nas regras que convertem essas representações semânticas e pragmáticas em representações fonológicas e morfossintáticas. A relação entre esses níveis, como se vê na Figura 1, se dá numa perspectiva descendente, ou seja, de cima para baixo.

A GDF vê no usuário da língua um conhecedor tanto das unidades funcionais e formais da língua, como das maneiras pelas quais essas unidades podem ser combinadas, podendo ser entendida como uma gramática estrutural-funcional (BUTLER, 2003), pois é uma gramática moldada pelo uso.

Em razão da natureza desta pesquisa, destacamos, a seguir, informações relevantes sobre o Nível Interpessoal (Formulação) e o Nível Morfossintático (Codificação) do modelo teórico.

## 2.1 Nível Interpessoal (NI)

O Nível Interpessoal, doravante NI, está relacionado com a Pragmática e, resumidamente, com as intenções comunicativas dos

Falantes. Na representação do Nível Interpessoal, como a camada mais alta identificada na teoria, temos o Movimento – definido como a menor unidade livre do discurso (KROON, 1997 *apud* PEZATTI, 2014, p. 76), visto como uma contribuição autônoma para uma interação contínua.

Trabalhos como o de Stassi-Sé (2012) chegaram a analisar construções com *como* representando Movimentos que resgatam na memória do Ouvinte informações dadas no discurso, como em (2):

- (2) L1 – (...) pena que não deu, que o horário da aula foi muito pouco, não é, para gente assistir o filme inteiro, para o pessoal assistir que eu não assisti. então foi assim super legal. e ela, **como eu estava dizendo**

L2 - é.

L1 - me chamou a atenção. e eu por ser uma aluna quieta, não sou de mexer com ninguém, fiquei chocada com a atitude dela falei "poxa, tan[...], gosto tanto de inglês. (Bra93:FestaEstudante)

Nessa ocorrência, o conteúdo que L1 tenta recuperar está distante, e o papel que a construção desempenha é o de chamar a atenção do Ouvinte para isso, resgatando uma informação dada anteriormente no discurso. Esse tipo de estratégia utilizada pelo Falante pode dar espaço para uma reação por parte do Ouvinte, representando uma das características da camada do Movimento, a saber, seu efeito perlocucionário.

Presente no Movimento, o Ato Discursivo é visto como a unidade básica do discurso, e é definido como a menor unidade linguística presente no processo comunicativo, que envolve Falante, Ouvinte, uma Ilocução (finalidade do ato verbal) e um Conteúdo Comunicado (conteúdo que o Falante deseja evocar ao Ouvinte). O Conteúdo Comunicado é formado por Subatos, estes sendo formas de ação comunicativa do Falante, podendo ser de Atribuição (tentativa de o Falante evocar uma propriedade) e/ou de Referência (tentativa do Falante de evocar um referente).

Considerando o escopo da camada do Conteúdo Comunicado, Fontes (2012) trata das interrogativas de conteúdo, que podem ser usadas em três possíveis contextos, conforme o autor, – perguntas típicas, perguntas retóricas e perguntas meditativas, definidas através de fatores pragmáticos presentes na interação verbal: (i) aquilo que o Falante assume fazer parte de sua própria informação pragmática; (ii) aquilo que o Falante pressupõe estar ou não estar na informação pragmática de seu(s) Ouvinte(s) e (iii) a intenção comunicativa do Falante, em relação a seu(s) Ouvinte(s), com o uso da estrutura interrogativa (FONTES, 2012, p. 171).

Tendo em vista a pergunta meditativa, conceito que contribuiu para a descrição proposta neste estudo, o autor entende que esse tipo de interrogativa de conteúdo ocorre quando a informação interrogativa está

ausente para o Falante e para o Ouvinte, tratando-se, no caso, de uma tentativa do Falante de expor dúvidas, inquietações, tendo o Ouvinte como testemunha desse processo. Esse tipo de construção mostra que a tradicional relação entre pergunta e solicitação de resposta nem sempre explica a funcionalidade dessas estruturas. Vejamos o exemplo (3):

- (3) No mesmo pacote de cartas escrevi uma a meu amigo nosso amigo vosso Tio [inint.] É esquisito! Nada eu perco [...] **onde estará o pacote?** (19CZC-54) (FONTES, 2012, p. 103)

Em (3) a resposta da pergunta do Falante sobre uma das cartas perdidas do pacote é desconhecida tanto para si, como também para o Ouvinte, sendo um “momento de reflexão, devaneio, elocubração, em que o Falante expõe uma dúvida, um pensamento” (FONTES, 2012, p. 103), ou seja, funciona como uma exteriorização do pensamento do Falante, e a informação sob interrogação não é identificável e também é não específica para ambos.

A nosso ver, algumas ocorrências em que o *como* encabeça ilocuições interrogativas apontam para um funcionamento nessa mesma perspectiva. Entretanto, nesta pesquisa o fenômeno é identificado na camada do Movimento, com Função Interacional, à semelhança da Função Interacional Resgate.

## 2.2 Nível Morfossintático (NM)

O Nível Morfossintático, doravante NM, é responsável pelos aspectos estruturais da unidade linguística, por sua codificação e pelas distinções interpessoais e representacionais, pois muitas operações nesse nível são motivadas funcionalmente por princípios ordenadores de iconicidade, de integridade de domínio e de preservação das relações de escopo.

As camadas de análise do NM compreendem a Expressão Linguística, que é o conjunto de ao menos uma unidade morfossintática independente; a Oração, representando um grupo de Palavras ou Sintagmas, atuando como molde para estabelecer a ordem entre seus constituintes; o Sintagma, que pode representar uma configuração de sequência de Palavras, Sintagmas e Orações encaixadas, possui um núcleo lexical e pode ser verbal, nominal, adjetival, adverbial e adposicional; e a Palavra, que representa uma configuração sequenciada de morfemas, formada por Raiz e Afijos, que configuram camadas mais baixas desse nível.



Assim, seguimos com a hipótese de que as construções encabeçadas por *como* representam camadas mais altas inclusive no NM, já que esse seria o alinhamento desejável de representação entre as camadas de formulação e codificação, segundo o modelo teórico.

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Os critérios de análise utilizados no estudo levaram em conta: (i) as formas de expressão da construção (camadas) e o estatuto de *como* no NI: analisamos se o segmento representa um Movimento, um Ato Discursivo, um Conteúdo Comunicado ou um Subato; e o papel do *como* nesse nível, verificando se ele é Operador, Modificador ou Função; e (ii) as formas de expressão da construção (camadas) e o estatuto do *como* no NM: analisamos se a construção é uma Expressão Linguística, uma Oração ou um Sintagma nesse nível, e o papel do *como*, verificando se ele é Palavra Gramatical ou Palavra Lexical.

O universo de investigação é composto por inquéritos do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo (2016). Esse *Corpus* oral Lusófono é constituído por conversas espontâneas, mas inclui também discursos mais formais, como entrevistas de rádio e discursos políticos.

Foram levantadas, por meio de ferramenta de busca, ocorrências de construções independentes com *como* nas variedades dos países que têm esse idioma como língua oficial, a saber: Brasil; Portugal; São Tomé e Príncipe; Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Moçambique; e Timor Leste. Os dados coletados foram analisados qualitativamente, conforme as propriedades atribuídas às camadas do NI e do NM, e de acordo com o estatuto do *como* dentro desses níveis, como se observa na próxima seção.

### 4 CONSTRUÇÕES INDEPENDENTES COM COMO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Foram encontradas, no *Corpus* Lusófono, 29 ocorrências de *como* encabeçando construções independentes, distribuídas no Quadro 1:

Quadro 1 – Distribuição das ocorrências entre as variedades lusófonas

Variedades	Brasil	Angola	Cabo Verde	Guiné-Bissau	Portugal	São Tomé e Príncipe	Moçambique
Número de ocorrências	07	05	05	04	03	04	01

Fonte: Elaborado pelos autores.



Observa-se, no Quadro 1, que o fenômeno ocorre em sete das oito variedades investigadas, com maior recorrência na variedade brasileira e sem nenhuma ocorrência na variedade de Timor Leste. Como o objetivo da pesquisa não é estabelecer uma comparação entre as variedades, mas mostrar a distribuição do fenômeno na lusofonia, o quadro nos fornece um panorama que sinaliza uma tendência de uso interacional dessas construções independentes iniciadas por *como* entre essas variedades.

Com base nos estudos de Hengeveld e Mackenzie (2008) e Stassi-Sé (2012), no que se refere ao NI, identificamos, nas 29 ocorrências, a função discursiva de monitoramento da interação, responsável por criar condições interacionais que precisam ser preenchidas para a implementação do discurso, com foco nos participantes – Falante e Ouvinte.

As construções encontradas apresentam dois tipos de funcionalidade dentro dessa perspectiva de monitoramento da interação: (i) resgatar informações dadas; e (ii) formular reflexões em forma de pergunta meditativa. Em ambos os casos, aqui, as construções representam subordinadas discursivas (STASSI-SÉ, 2012), constituindo a camada do Movimento (camada mais alta do Nível Interpessoal), vista como uma contribuição autônoma para uma interação contínua.

Na primeira funcionalidade, os Movimentos apresentam Função Interacional de resgatar tanto informações dadas no discurso, como no caso de estruturas que recuperam conteúdos sobre tópicos abandonados (4) ou sobre subtópicos que ficaram mais distantes (5), quanto informações relativas ao conhecimento de mundo compartilhado entre Falante e Ouvinte, como no caso de estruturas que retomam conhecimentos do Componente Conceitual (6) e do Contextual (7), como segue:

- (4) problemas ecológicos, **como disse**, já dei há bocado o exemplo, acontecem em Angola permanentemente e acontecem desde a independência de Angola. (Ang97: Guerra e ambiente)
- (5) [...] teve um fundamento, você fez aprender, ensinar para a gente também, vendo o filme... e a letra da música. pena que não deu, que o horário da aula foi muito pouco, não é, para gente assistir o filme inteiro, para o pessoal assistir que eu não assisti. então foi assim superlegal. e ela, **como eu estava dizendo**.  
 – é.  
 – me chamou a atenção. e eu por ser uma aluna quieta, não sou de mexer com ninguém, fiquei chocada com a atitude dela falei “poxa, tan[...], gosto tanto de inglês, mas pelo professor vai ser um pé no saco esse ano”. (Bra93: Festa estudante)

- (6) bom, como pequena empresária que sou, eh, bom, é, eh, **como dizer**, em princípio, há dificuldades, mas também exige muita coragem. (To-Pr96: Costureira)
- (7) Presente do indicativo: -> exactamente, sim. mas é, hoje, por exemplo, eh, com a ciência avançada, **como o senhor sabe**, e, o animal pode ser filmado. e então é, é t[...], é toda essa maneira depois de reprodu[...], tentar reproduzir o animal. (CV95: Colecionismo)

Em todas essas ocorrências (4-7), há Função Resgate, apontando para o Ouvinte como foco de atenção na retomada de informações dadas. Já na segunda funcionalidade, as construções apresentam Função Meditativa, com ilocução interrogativa, e representam o que, na análise de Fontes (2012), é identificado como “pergunta meditativa”. Segundo o autor, essas construções constituem Subatos de Referência, localizados dentro de Conteúdos Comunicados, cuja necessidade de resposta é desnecessária, já que é uma pergunta reflexiva. Aqui, entendemos que as construções com ilocução interrogativa são perguntas que contribuem com o andamento da interação, com função perlocucionária, podendo gerar reação pelo Ouvinte, embora este não seja o objetivo do Falante. Isso pode ser observado em (8) e (9), exemplos nos quais as construções, em nossa análise, representam um desvio tópico, enfocando aspectos da interação e não do conteúdo comunicado na mensagem, como defendido pelo autor, já que a pergunta representa uma estratégia interacional com foco no Falante:

- (8) como é que você vai investir seu dinheiro para você pagar, vamos dizer, você ganhou quatrocentos milhões de cruzeiro. no segundo semestre, como é que você vai investir seu dinheiro para pagar logo o imposto de renda logo a seguir, não é, **como é que fica?** por exemplo, no meu caso. como é que eu vou pagar tudo isso, esse imposto todinho? se eu botar o dinheiro lá encostado, eu vou perder dinheiro. sou solteiro, com esse dinheiro todo, ele vão descontar logo na maior, não é, quarenta e dois por cento, não é, se eu não me engano. (Bra80: Jogo bicho)
- (9) bom, eu creio que os jovens agora... têm mais... acesso à informação e têm mais acesso a poderem, ah, que, ah – **como é que se diz?** - ah, se cultivarem... a eles próprios sobre... tal, eu penso que a nossa geração já tem, já, já vai crescer... (GB95: Democracia)

O que se vê em (8) e (9) é que a pergunta não é respondida pelo próprio Falante, nem pelo Ouvinte, mostrando que a construção tem outra função. Existe uma estratégia interacional sendo utilizada pelo Falante: a de ganhar tempo com essa reflexão, para diferentes objetivos, podendo ser para fins argumentativos, como em (8), ou para fins de ganhar tempo para lembrar de um termo, como em (9). Por essa razão, neste estudo, essas construções são analisadas como pertencentes à camada do Movimento.

Seja na funcionalidade de resgatar informações ou na de fazer perguntas meditativas, as construções não possuem dependência sintática ou semântica com os elementos anteriores e posteriores no Nível Morfossintático, ou seja, a relação se estabelece interpessoalmente, nível em que reside a dependência discursiva.

Para a primeira funcionalidade, em que as construções representam a Função Resgate, foram encontradas 17 ocorrências. Vejamos em (10) as propriedades que comprovam que o trecho em negrito não se subordina a orações com as quais estabelece fronteira:

- (10) (...) e então ao Domingo, cada, cada coroa, aquilo é assim, cada coroa tem o seu Domingo: a dominga tal, é conhecido então ou pela rua, ou pelo nome dum santo. [...] tem, tem a dominga da, da pombinha, **como eles chamam**, tem, aqui tem a dominga da, de Trás-do-Mosteiro, é, é uma r[...], uma rua que há ali para cima e fazem o império. o império também nas ilhas também se faz. (PT73: Culto tradicional)

Em (10), a construção em negrito não é constituinte de outra oração, como se vê pelas fronteiras em que se estabelece a construção, rompendo com a continuidade sintática do trecho e representando um desvio tópico, cuja finalidade é compartilhar com o interlocutor a necessidade de resgatar uma informação contextual. Sendo assim, observa-se seu caráter interacional e, por essa razão, sua determinação se dá em um nível mais alto hierarquicamente – Nível Interpessoal, como uma porção textual que permite reação por parte do Ouvinte – o Movimento, constituído, nesses casos, por apenas um Ato Discursivo.

Esse tipo de construção é motivado por uma Função particular exercida pelo *como*: a de resgatar na memória do Ouvinte determinadas informações dadas. Em (11) há mais uma ocorrência que mostra essa independência sintática da construção encabeçada por *como*:

- (11) [...] Antropologia nunca houve, Sociologia nunca houve, eh, Filosofia, se não contarmos com a opção seminário, portanto, que tem, **como sabe**, Filosofia e Teologia na sua formação, eh, nunca houve. (Ang97: Ensino Angola)

Em (11) o Falante usa a construção *como sabe* afim de resgatar na memória do Ouvinte como era a constituição de um curso de Filosofia em uma determinada época. Assim, acaba rompendo com a continuidade do trecho “que tem Filosofia e Teologia na sua formação”. O Falante conta que o Ouvinte realmente compartilhe dessa informação para dar continuidade ao seu discurso. Essa propriedade entre Falante e Ouvinte de se resgatar informações relevantes para a progressão temática é primordial para a identificação desse tipo de funcionalidade.

Já para os casos que representam a segunda funcionalidade, em que há Função Interacional Meditativa, identificamos 12 ocorrências que apresentam, em nossa análise, Movimentos marcados pela não-identificabilidade e não-especificidade da informação da pergunta. Conforme Fontes (2012), esse tipo de interrogativa de conteúdo ocorre quando a informação interrogativa está ausente para o Falante e o para o Ouvinte, tratando-se, no caso, de uma tentativa do Falante de expor dúvidas, inquietações, reflexões, tendo o Ouvinte como testemunha desse processo. Tomemos (12) como exemplo:

- (12) – diga-me uma coisa: mas, por exemplo, no que toca às mornas, eh, isso exige uma aprendizagem (...)
- tem as suas regras?
- sim, mas, eh, nem, nem, nem, eh, isto é, isto é mais, quer dizer, **como posso dizer?** eh, eh, eh, isto é mais autodidático. (CV95: As mornas)

No caso de (12), na fronteira com a construção *como posso dizer?*, o Falante faz hesitações e divagações, sinalizando tentativas de buscar palavras para explicar as regras locais para a escrita de uma morna (gênero musical e de dança tradicional de Cabo Verde). Percebemos, com mais esse caso, que a pergunta meditativa não requer ou espera resposta do Ouvinte, tampouco do próprio Falante. É apenas uma pausa para reflexão, tendo o Ouvinte como espectador. Outro exemplo desse tipo de uso segue em (13):

- (13) ah, minha filha! minh[...], mulher de médico precisa... ser uma criatura assim, é, mui[...], muito – **como é que eu vou dizer?** - não ligar para certas coisas, entendeu, não pode ser ciumenta, não pode estar levando o negócio assim, você querer monopolizar teu marido porque não adianta, porque você tem que deixar de mão mesmo. (Bra80: Nada ciumenta)

Nessa ocorrência, o trecho em negrito também mostra que a Falante está com dificuldade de construir um referente e parece dividir essa reflexão com a Ouvinte na forma de uma pergunta meditativa. A construção contribui com a interação na medida em que oferece mais um lance no discurso, para ganhar tempo ou até auxílio do interlocutor na construção do referente que, no caso, parece ser a qualidade de “não ser ciumenta”.

Quanto ao Nível Morfossintático, notamos que as 29 ocorrências são codificadas como Expressões Linguísticas, definidas, na GDF, como um conjunto de unidades independentes morfossintaticamente. Nesse sentido, em (14), podemos observar que a construção com *como* representa uma unidade independente, que contém uma Oração:

- (14) então, **como eu estava falando**, então, no direito romano, a mulher não tinha direitos. ela, ah, o di[...], o, a ca[...], a pessoa que ti[...], os que tinham

capacidade de, de facto, que era capacidade de ter direitos de, direitos, assim [...]. (Bra80: Mundo Direito)

A independência morfossintática vista em (14) e em todas as ocorrências aqui discutidas, reside na condição de uma oração não constituir parte de outra oração, podendo ser usada de forma independente (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Assim, uma evidência dessa independência pode ser a presença de Atos Interativos em sua fronteira. O uso de *então* antes e depois da construção (14) delimita o Ato Discursivo dentro do Movimento e mostra que essas estruturas são unidades de informação à parte. Nesses casos, por alinhamento entre camadas, temos uma Expressão Linguística contendo uma Oração no Nível Morfossintático. Sua motivação se dá por fatores pragmático-discursivos, o que marca dependência apenas discursiva entre as porções textuais envolvidas, ou seja, essa dependência não é marcada em termos gramaticais ou semânticos, e sim no Nível Interpessoal, na relação e articulação entre Movimentos.

#### 4.1 Estatuto do como

Quanto ao estatuto interpessoal do *como* nessas construções independentes, para as duas funcionalidades aqui discutidas, a saber, Função Resgate e Função Meditativa, existe um mesmo papel: o de marcar a Função Interacional. Tendo em vista as construções com ilocução declarativa, ele marca a Função Resgate, já nas construções com ilocução interrogativa, ele marca a Função Meditativa. Em nenhum dos casos existe um papel semântico envolvido, o que sinaliza certo esvaziamento de sentido lexical de *como* nesses usos e o ganho de sentido pragmático, apontando para um caminho de gramaticalização do item.

Quanto ao estatuto morfossintático, o *como*, em ambas as funcionalidades, representa uma Palavra Gramatical, nos termos da GDF. Para os casos em que há uma ilocução interrogativa, *como* tem papel de pronome interrogativo e nos casos em que há ilocução declarativa, conforme a análise das ocorrências, *como* é um relator, que passou por um processo de gramaticalização, ou seja, há atribuição de caráter gramatical a um elemento de natureza lexical.

Para Bechara (2009) e Neves (2000), os usos e significações de *como* enquanto advérbio e conjunção e suas respectivas aplicações semânticas de causa, conformidade, modo e comparação, configuram a caracterização formal de *como* enquanto item lexical, conforme (15):

- (15) **Como ia de olhos fechados**, não via o caminho [MA. 1,19]. (BECHARA, 2009, p. 326)

Esse exemplo traz *como* encabeçando uma oração causal que está em relação de dependência semântica com a oração principal “não via o caminho”. Esse exemplo nos auxilia a observar quão diverso é o estatuto de *como* nas ocorrências aqui analisadas, em que existe uma motivação interpessoal para o uso da construção independente e, por essa razão, não há conteúdo semântico do item relacionando duas orações.

Para a GDF, as Palavras Gramaticais “correspondem a um Operador ou a uma Função no Nível Representacional ou Interpessoal (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008 *apud* STASSI-SÉ, 2012, p. 58). Para ilustrar essa discussão, vejamos a ocorrência a ocorrência (16):

- (16) eh, eh, durante esse período, julgo que já tinha quatro anos, eh, aconteceu-me algo de muito engraçado. eu gosto até agora, **como sempre gostei**, eh, de ver cair a chuva. (Moç86: Chuva)

Em (16), *como* é palavra gramatical porque não exerce Função Semântica nem de conjunção conformativa (conforme sempre gostei), nem de modo (a maneira que sempre gostei), nem de causa (porque sempre gostei) e nem de comparação (igual sempre gostei). Ao invés disso, atua no NI, com o papel de Função Resgate, com foco no Falante, que retoma em sua memória uma informação específica sobre a lembrança da chuva, no caso, o ato de gostar de ver a chuva.

Longhin-Thomazi (2004), em seus estudos sobre a gramaticalização das conjunções, com base em Traugott (1991) e em outros autores, conclui que a gramaticalização de conjunções passa por um processo de pragmatização de seu significado, por razões subjetivas voltadas ao Falante, o que pode ser verificado também nas ocorrências aqui discutidas. Vemos que neste estudo o item *como* passa por um processo de pragmatização (sem nos preocuparmos aqui com uma análise diacrônica da conjunção) que envolve “estratégias de caráter inferencial, que levam ao aumento de informação pragmática” (LONGHIN-THOMAZI, 2004, p. 6).

Dessa forma, *como* passa de palavra lexical, representando Função Semântica, a palavra gramatical, representando Função Interacional, tanto resgatando informações específicas em construções declarativas quanto sinalizando pergunta meditativa em interrogativas de conteúdo, ambas motivadas pelas intenções pragmáticas do Falante.

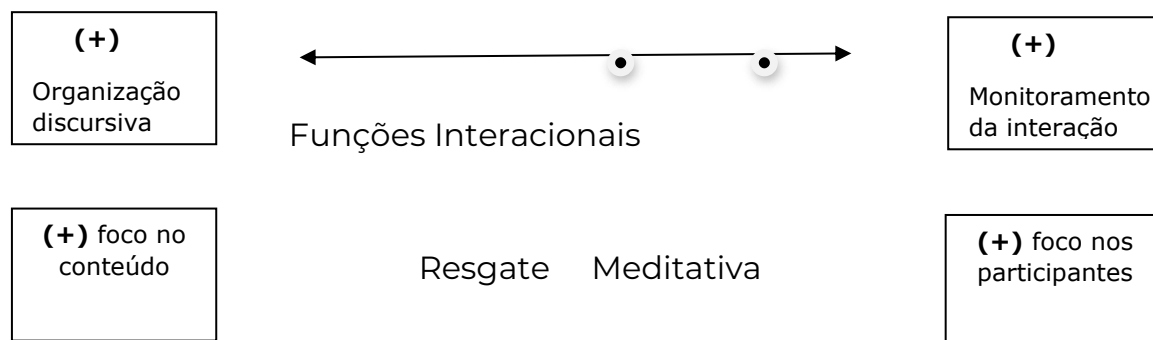
## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos pressupostos da GDF, este artigo apresenta uma análise das construções independentes encabeçadas por *como*, tanto declarativas, como interrogativas, propondo sua classificação como Movimentos, no NI, com Função Interacional Resgate ou Meditativa, e como

Expressões Linguísticas, no NM, representando casos de subordinação discursiva, nos termos de Stassi-Sé (2012).

Dessa forma, propomos uma distribuição dessas Funções Interacionais na escala de dependência discutida pela autora (Figura 2), mostrando que ambas as Funções têm foco no monitoramento da interação:

Figura 2 – Escala de Subordinação Discursiva do *como*



Fonte: Stassi-Sé (2012, adaptado).

Enquanto a Função Resgate apresenta mais foco no Ouvinte, a Função Meditativa apresenta mais foco no Falante. Na primeira, a preocupação maior é o compartilhamento de uma mesma informação entre os interlocutores, a qual é importante para que o conteúdo da mensagem seja melhor compreendido pelo Ouvinte, ficando mais à esquerda na escala, sem descartar preocupação com a organização discursiva. Já a segunda, contribui para que o Falante ganhe tempo na formulação, usando perguntas que não requerem resposta do Ouvinte, mas que marcam no discurso a não-identificabilidade e não-especificidade de informação pragmática de uma pergunta, o que significa mais foco no Falante, fazendo com que fique mais à direita na escala, também enfocando o monitoramento da interação, sem que se descarte a progressão temática da mensagem.

Com essa proposta, pretende-se defender um caminho de gramaticalização do *como*, a ser aprofundado em trabalhos futuros, mas que já pode ser delineado a partir das discussões apresentadas: é possível prever que elementos gramaticais que têm sua origem em camadas mais baixas da estrutura hierárquica da oração desenvolvem funções abstratas em camadas e níveis mais altos da organização linguística, conforme apontam Hengeveld e Wanders (2007).

Assim, partimos desse pressuposto para finalizar nossa discussão, lançando aqui uma reflexão: ao apresentar Função Semântica, o *como*



escopa camadas mais baixas da teoria, considerando os níveis de formulação da GDF (Representacional e Interpessoal), ao passo que ao apresentar Função Interacional, escopa a camada mais alta do modelo, no caso, a camada do Movimento, no NI. Esse caminho vai ao encontro do que Hengeveld e Wanders (2007) propõem como um percurso em direção à gramaticalização e parece colocar a GDF como uma ferramenta efetiva para descrever fenômenos que passam por pragmatização.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BUTLER, Christopher S. Functionalist Approaches to Language. *In*: BUTLER, Christopher S. **Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories**. Part 1: Approaches to the Simplex Clause. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 1-31.

CORPUS DE REFERÊNCIA DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO. **Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)**. NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do (Org.). Atualizado em 2016. Disponível em: [http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica\\_de\\_corpus/projecto\\_portuguesfalado.php](http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php). Acesso em: 18 jun. 2021.

FONTES, Michel Gustavo. **As interrogativas na história do português brasileiro: uma abordagem discursivo-funcional**. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2012.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. **Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, Kees; WANDERS, Gerry. [Adverbial Conjunctions in Functional Discourse Grammar](#). *In*: HANNAY, Mike; STEEN, Gerard J. (Ed.). [Structural-Functional Studies in English Grammar: In Honour of Lachlan Mackenzie](#). Part II: The Architecture of Functional Models. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 209-226.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Parentetização. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Vol. 1. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

KROON, Caroline. Discourse Markers, Discourse Structure and Functional Grammar. *In*: CONOLLY, John H.; VISMANS, Roel M.; BUTLER, Christopher S.; GATWARD, Richard A. (Ed.). **Discourse and Pragmatics in Functional Grammar**. Berlin: De Gruyter Mouton, 1997. p. 17-32.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Considerações sobre gramaticalização de conjunções na história do Português. ENCONTRO CELSUL – CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 6., Florianópolis, 2004. In: MIOTO, Carlos; COELHO, Izete Lehmkuhl; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; OLÍMPIO, Lúcia Maria Nassibe; RIAL, Rodrigo Schmitt (Org.). **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2004. p. 1-6.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PEZATTI, Erolilde Goreti. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PEZATTI, Erolilde Goreti. **Apostila de sintaxe descritiva da língua portuguesa: Gramática Discursivo-Funcional**. São José do Rio Preto: UNESP, 2010.

SILVA, Diogo Oliveira da. **Construções parentéticas encabeçadas por como no português**. 2021. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Linguística, 2021.

STASSI-SÉ, Joceli Catarina. **Subordinação discursiva no português à luz da Gramática Discursivo-Funcional**. 2012. 194 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, São José dos Campos, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth; KÖNIG, Ekkehard. The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (Ed.). **Approaches to Grammaticalization**. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 189-218.

SILVA, DIOGO OLIVEIRA DA; STASSI-SÉ  
JOCELI CATARINA. CONSTRUÇÕES  
ENCABEÇADAS POR “COMO” NO PORTUGUÊS.  
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13, N. 1,  
E2601, P. 186-202, JAN.-ABR./2023. DOI:  
10.22168/2237-6321.12601